

**A ATUAÇÃO DA IRMÃ DE CARIDADE ABRAHÍDE ALVARENGA NO PIAUÍ:
UMA HISTÓRIA A SER CONTADA**
**THE ROLE OF SISTER OF CHARITY ABRAHÍDE ALVARENGA IN PIAUÍ:
A STORY TO BE TOLD**
**LA ACTUACIÓN DE LA HERMANA DE LA CARIDAD ABRAHÍDE ALVARENGA EN PIAUÍ: UNA
HISTORIA A SER CONTADA**

*Ana Maria Ribeiro dos Santos¹, Benevina Maria Vilar Teixeira Nunes², Lídyia Tolstenko Nogueira³,
Maria Eliete Batista Moura⁴, Meire Raquel P. Vasconcelos⁵*

¹ Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Professora de História da Enfermagem da Faculdade de Saúde, Ciências Humanas e Tecnológicas do Piauí (NOVAFAPI). Professora de Fundamentação Básica da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

² Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora da UFPI. Coordenadora do Curso de Graduação em Enfermagem da NOVAFAPI.

³ Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora de Saúde do Adulto e do Idoso da UFPI.

⁴ Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora da UFPI. Coordenadora de Pós-graduação e Pesquisa da NOVAFAPI.

⁵ Aluna do 6º período do Curso de Graduação em Enfermagem da NOVAFAPI.

PALAVRAS-CHAVE: História. História da enfermagem. Memória.

RESUMO: O presente estudo histórico-documental objetiva discorrer sobre a atuação da Irmã de Caridade Abrahíde Alvarenga, no Piauí. Para tanto, buscou-se descrever o trabalho desenvolvido pela referida Irmã, no Hospital Getúlio Vargas, na tentativa de evidenciar sua luta pela criação da Escola de Enfermagem Maria Antoinette Blanchot e da Seção Piauí da Associação Brasileira de Enfermagem, assim como analisar sua atuação no âmbito da Enfermagem no Estado. As fontes de dados primários foram constituídas de relatos orais de testemunhas, como também de documentos escritos e iconográficos. Como fonte secundária, foi utilizada a literatura específica da história da Enfermagem brasileira e piauiense. Sob este aspecto, o estudo mostrou que o trabalho da Irmã Abrahíde promoveu a qualificação da Enfermagem no Estado do Piauí e em Estados vizinhos. A criação da supramencionada Seção propiciou a conscientização e mobilização da categoria, possibilitando a construção da organização coletiva das enfermeiras piauienses.

KEYWORDS: History. History of nursing. Memory.

ABSTRACT: This historical documentary study has the objective of relating the work of Abrahíde Alvarenga, Sister of Charity Religious Order, in Piauí. To do this, we have described the work done by Sister Abrahíde at Getúlio Vargas Hospital in the attempt to show her fight for the founding of the Maria Antoinette Blanchote School of Nursing and the Piauí branch of the Brazilian Nursing Association. The source of this information consisted of oral interviews from eyewitnesses and also from written documents and iconography. As a secondary source, specific literature from the history of nursing in Piauí and Brazil was used. The study shows that the work of Sister Abrahíde promoted an improvement in the qualification of Nursing in the state of Piauí and in its neighboring states. The opening of the above mentioned branch promoted the consciousness and mobilization of the category thus making the construction of the collective organization of nurses in Piauí possible.

PALABRAS CLAVE: História. Historia de la enfermería. Memoria.

RESUMEN: Este estudio histórico-documental tiene como objetivo mostrar la actuación de la Hermana de la Caridad Abrahíde Alvarenga en Piauí. Se buscó describir el trabajo desarrollado por la referida Hermana, en el Hospital Getúlio Vargas, en la tentativa de evidenciar su lucha por la creación de la Escuela de Enfermería Maria Antoinette Blanchot y de la Sección Piauí de la Asociación Brasileña de Enfermería, así como analizar su actuación en el ámbito de la enfermería en el Estado de Piauí. Las fuentes de datos primarios fueron constituídas de relatos orales de testimonios, como también de documentos escritos e iconográficos. Como fuente secundaria, fue utilizada la literatura específica de la historia de la enfermería brasileña y piauiense. Además, el estudio mostró que el trabajo de la Hermana Abrahíde promovió la cualificación de la enfermería en el Estado de Piauí y en los estados vecinos. La creación de la Sección, anteriormente mencionada, propició la concientización y la mobilización de la categoría, posibilitando la construcción de la organización colectiva de las enfermeras piauienses.

Endereço: Ana Maria Ribeiro dos Santos
R. Prof. Madeira, 1519
64052-480 - Horto Florestal, Teresina, PI.
E-mail: amrsantos@globocom

Artigo original: Pesquisa
Recebido em: 14 de maio de 2005
Aprovação final: 31 de outubro de 2005

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de uma aspiração que se originou durante o desenvolvimento da disciplina História da Enfermagem, na Faculdade de Saúde, Ciências Humanas e Tecnológicas do Piauí (NOVAFAPI). Desta forma, o grupo aqui representado, movido pelo interesse por personagens admiráveis, que fizeram parte do contexto da Enfermagem piauiense, e em virtude da raridade de estudos que os identificassem com esse contexto histórico, compreendeu que se fazia necessário buscar conhecer a história desses personagens, tendo em vista que “o conhecimento histórico da Enfermagem, além de elucidativo, fornece o significado para sua cultura”^{1:99}.



Figura 1 - Irmã Abrahide Alvarenga em sua sole-nidade de formatura na Escola Anna Nery - 1942. (Publicação autorizada por familiar).

A vida não pára.² Desta forma, foram iniciados os primeiros contatos para a realização deste trabalho e, após três conversas telefônicas com Irmã Abrahide, pôde-se receber a notícia de seu falecimento na cidade do Rio de Janeiro, no dia 02 de junho de 2002. Em virtude disso, sua história foi contada com base na visão das testemunhas dos fatos.

Com isso, pôde-se constatar que o conhecimento sobre os personagens da Enfermagem piauiense é um

exercício de autoconhecimento; ainda assim, após realizada a pesquisa, acredita-se haver contribuído para o resgate da memória da Enfermagem piauiense.

Por outro lado, há a consciência de que a reconstrução de fatos históricos ligados à Enfermagem no Estado do Piauí possibilitou a reflexão sobre sua constituição, com vistas à transformação de sua realidade.

METODOLOGIA

A pesquisa foi de natureza histórico-documental e teve como base a nova história, em que “o historiador costuma utilizar-se de toda e qualquer evidência, além da possibilidade de reconstruir alguns dados a partir de contato com pessoas que participaram ou não de determinados eventos históricos”^{3:60}. Teve como método a história oral por adequar-se ao objeto de estudo, como também devido aos fatos serem relativamente contemporâneos, com muitos personagens ainda presentes no cenário atual. “Este tipo de recurso se baseia na memória das personagens que se quer entrevistar”^{3:60}.

A pesquisa teve como fonte primária de dados relatos orais de testemunhas dos fatos, além de documentos escritos e iconográficos. Por sua vez, as fontes orais se constituíram dos sujeitos do estudo, os quais foram personagens que vivenciaram e participaram do convívio da Irmã Abrahide Alvarenga. “A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados e propicia o contato e a compreensão entre gerações”^{4:44}.

Destaque-se que a seleção dos entrevistados foi intencional, haja vista que, neste tipo de estudo, devem ser contatadas “pessoas que direta ou indiretamente estavam participando do cenário que se pretende investigar, aquelas que tiverem conhecimento aprofundado do período, tiverem uma boa memória e boa vontade para participar”^{3:64}. Nesta perspectiva, após a validação das perguntas do roteiro de entrevista semi-estruturada, este foi aplicado a oito pessoas, sendo: quatro enfermeiras, uma auxiliar de Enfermagem, um familiar consanguíneo, um dirigente institucional e uma religiosa, que também trabalhou no HGV.

Ressalte-se que as entrevistas foram realizadas mediante a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, conforme a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, e gravadas em fita cassete, com a permissão dos entrevistados. Os depoimentos

mentos ocorreram na residência dos depoentes devido “à preocupação com os aspectos físicos e práticos, tais como: o local, o horário, a duração, a apresentação do entrevistador, as pessoas presentes, o gravador e a condução da entrevista, e que podem alterar em muito a referida técnica”.^{5:70}

As fontes escritas foram constituídas do primeiro livro de atas da Seção Piauí da Associação Brasileira de Enfermagem, artigo de jornal e acervo fotográfico, pesquisados no Arquivo Público Estadual, na Seção Piauí da Associação Brasileira de Enfermagem, assim como arquivos pessoais de enfermeiras, familiares e religiosas. Esse recurso foi utilizado, tendo em vista que a abordagem da história oral possibilita “utilizar outros documentos originais, tais como fotografias, cartas, memorandos, processos judiciais, entre outros, e de outras fontes”.^{3:60} Sob este aspecto, esse estudo foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Saúde, Ciências Humanas e Tecnológicas do Piauí, tendo sido aprovado.

A análise preliminar dos dados iniciou-se simultaneamente a sua coleta, considerando-se ser “muito comum que cada entrevistado, referencie o nome de outro, a fim de participar também, do estudo, enriquecendo-o ainda mais”.^{3:61}

Ao lado disso, os dados coletados foram analisados sob a ótica da história oral, que afirma: “o ensaio do uso desta metodologia tem proporcionado uma aproximação entre as pessoas das diversas classes sociais e de diferentes culturas, possibilitando a construção de uma história aparentemente mais real, com vida e pulsante”.^{3:67}

A TRAJETÓRIA DAS IRMÃS DE CARIDADE

A Companhia das Irmãs de Caridade surgiu no século XVII, na França, “fundada por padre Vicente de Paulo e Luisa de Marillac, no ano de 1633”.^{6:77} Seu berço foi na “casa de nº 43 da Rua São Vítor, uma casa estreita, mas bastante comprida, local onde as quatro primeiras humildes camponesas se reuniram para receber o Espírito de Deus e a missão de cuidar do outro”.^{7:82-3}

Padre Vicente era um sacerdote católico francês, da Ordem de São Francisco de Assis; “calado e modesto, sempre se preocupou com a situação de abandono dos pobres franceses. Luisa de Marillac era proveniente de família abastada e, após enviuvar, resolveu dedicar-se aos pobres e aos doentes”.^{7:40-5}

A Companhia das Irmãs de Caridade foi uma das primeiras associações a realizar cuidados de enfermagem em domicílio, inaugurando um serviço importante de assistência social. A Companhia também reorganizou os hospitais, “implantando a higiene no ambiente, individualizando os leitos dos enfermos e dirigindo todo o cuidado desenvolvido no hospital”.^{6:77}

Desta forma, os rituais de cuidado foram se construindo em uma base voltada para a prática do cuidar, vivenciada pelas irmãs no cotidiano do hospital e dos domicílios, “dando origem ao que seria chamado posteriormente de técnicas de Enfermagem, organizadas em uma base científica de cuidar, preconizada por Florence Nightingale”.^{6:82}

No Brasil, as primeiras Irmãs de São Vicente chegaram em 1849, a pedido de D. Antônio Ferreira Viçoso, bispo de Mariana (MG). À época, vieram doze Irmãs de Caridade, de origem francesa.¹

À medida que chegavam religiosas ao país, iam-lhes sendo entregues os estabelecimentos de assistência. Desta forma, em 1852, “vieram as Irmãs de Caridade para a Santa Casa do Rio de Janeiro, a pedido do Imperador Pedro II”.^{8:105}

A Companhia das Irmãs de Caridade também desenvolveu atividades no Hospício Nacional de Alienados, até 1890, “quando as religiosas abandonaram o hospício por incompatibilidade com a Diretoria daquela instituição”.^{9:33}

Então, nos anos de 1935 e 1936, cinco irmãs realizaram o curso de Enfermagem na Escola Carlos Chagas.*

Em 1939, a Escola de Enfermagem Anna Nery – EEAN criou uma turma especial, que contou com a participação de doze religiosas da Companhia das Irmãs de Caridade, sendo que, deste total, apenas dez religiosas colaram grau em 1942, e, dentre elas, a Irmã Abrahíde Alvarenga. Posteriormente, outras religiosas da Companhia participaram de novas turmas da EEAN, assim como de turmas em outras escolas de Enfermagem; com isso, introduziram a Enfermagem científica e sistematizada na Companhia das Irmãs de Caridade no Brasil, propiciando a criação de diversas escolas de Enfermagem de caráter religioso, em vários estados do país.

A partir de 1946, a influência religiosa manifestou-se com grande intensidade e amparo oficial no país. “A atuação das Irmãs de Caridade de São Vicente

*Telles M. *Pequeno resumo sobre as Irmãs de Caridade de São Vicente de Paula que se distinguiram na enfermagem no Brasil. Rio de Janeiro: Material xerografado; 1978.*

de Paulo, em âmbito nacional, desencadeou uma onda de ascensão religiosa na Enfermagem, só que, desta vez, sob a chancela da modernidade. Por sua vez, as Irmãs Vicentinas constituíram-se as representantes desse movimento, pois, além da tradição de trabalho voltada à assistência em hospitais, encaminhavam-se também para o ensino de Enfermagem”.^{10:108-14}

Da turma de religiosas formada em caráter excepcional pela EEAN, em 1942, “duas foram encaminhadas em épocas diversas para o Piauí; a primeira foi a Irmã Catarina Cola, em 1946; a segunda foi a Irmã Abrahide Alvarenga, em 1956”.^{10:109}

Convém destacar que o ingresso das Irmãs de Caridade no HGV “coincidiu com a completa ausência de enfermeiras diplomadas, aliadas à precariedade de recursos materiais”.^{10:117}

IRMÃ ABRAHIDE ALVARENGA: DE VOLTA AO COMEÇO

A Irmã Abrahide Alvarenga nasceu na Fazenda das Palmeiras em Pitangui-MG, em 17 de setembro de 1907; recebeu seus votos em 20 de maio de 1927, e graduou-se em Enfermagem pela EEAN, em 1942 (Familiar).

Exerceu atividades em hospitais de vários Estados brasileiros, nos quais trabalhou; dentre eles: Rio de Janeiro, Paraná, São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Ceará, Goiás, Minas Gerais, Espírito Santo e Piauí.

No Piauí, no ano de 1956, foi superiora no HGV. Mulher decidida e dinâmica, logo introduziu mudanças no hospital, conforme depoimentos a seguir:

felizmente depois chegou a Irmã Alvarenga, um espírito ventilado, uma mulher de grande visão, muito trabalhadora, proba, correta e instalou um regime novo no hospital (dirigente institucional);

a Irmã Abrahide procurou estimular todas as enfermeiras a trabalharem voltadas para o desenvolvimento da Enfermagem e isso aí, justiça seja feita, ela conseguiu também (enfermeira 3).

O trabalho inicial das vicentinas no HGV consistiu em diagnosticar a situação existente no hospital; e, como resultado desse trabalho, pôde-se confirmar que suas maiores necessidades estavam centradas, sobretudo, na capacitação de pessoal de Enfermagem. Desta forma, “as irmãs planejaram a realização de treinamento em serviço”.^{10:109}

O depoimento de uma auxiliar de Enfermagem, que também trabalhou nesse período, no HGV, ilustra esse acontecimento.

Sendo muito dinâmica, descobriu logo a necessidade de dar melhor assistência aos doentes, principalmente aos pobres, preparando bem as enfermeiras, com cursos e outros meios (auxiliar de enfermagem).

Ressalte-se, aqui, a união da Companhia, em prol de um objetivo comum, conforme relata o depoimento a seguir.

Ela tinha também uma comunidade que contribuía muito com a enfermagem. Podemos lembrar da Irmã Gabriela, que atendia o 2º pavimento naquela época, o local dos contribuintes. A Irmã Gabriela deu muito de si. Ela não era formada, não era auxiliar de Enfermagem, mas era uma pessoa que tinha muita experiência na vida hospitalar, era muito dedicada (enfermeira 4).

Convém enfatizar que “a influência das Irmãs de Caridade no Piauí, tendo à frente a Irmã Abrahide, consolidou-se, em 28 de junho de 1958, com a fundação da Escola de Auxiliar de Enfermagem Maria Antoinette Blanchot, instalada inicialmente nas dependências do HGV”.^{11:1} Logo depois, a Irmã Abrahide desencadeou uma “campanha em prol da construção da sede definitiva da escola”.^{10:137}

Nesse contexto, são bastante esclarecedores os depoimentos a seguir:

assim, para a Irmã fazer essa Escola de Auxiliar de Enfermagem foi uma luta muito grande, porque ela começou do zero. Começou do zero, sem ajuda. Mas ela era uma lutadora, ia aqui, ali e acolá. Uma porta que ela pudesse abrir, ela chegava e abria. Existiu ajuda estrangeira, porém conseguida por ela. A Irmã bateu em muitas portas e conseguiu ajuda de um órgão estrangeiro para melhorar a enfermagem ali dentro. Foi quando eu e outras pessoas resolvemos ajudá-la e conseguimos que o governo do Estado doasse o terreno, uma área que foi difícil, pois os médicos não queriam abrir mão da área. Queriam expandir o HGV e essa área ficava exatamente dentro daquele local. Mas, finalmente conseguimos o terreno para que ela fizesse a escola. E ela fez, não sei como! (dirigente institucional).

Com audácia e confiando sempre no Pai Eterno, conseguiu construir a Escola através de verbas, inclusive do exterior, como por exemplo: “Miserium” na Alemanha. Havendo na Escola algumas alunas do Maranhão vindas do interior, ela recorreu ao governador do estado, pois as alunas eram pobres e não tinham recursos (religiosa).

Com base no estudo até então realizado, pode-se dizer que o curso de auxiliar impulsionou a qualificação de grande contingente de pessoal despreparado, que atuava na rede de serviços de saúde e, com isso, coadjuvava o processo de institucionalização da Enfermagem moderna no Piauí.^{10:146} Também se pode comprovar tal fato, com base nos seguintes relatos:

acho que o trabalho da Irmã Abrahíde foi abrangente, bom e com toda a coerência. Agora ela era uma irmã muito forte, muito decisiva. Às vezes as pessoas não gostavam muito. Mas, eu acho que tem que ser assim, decisiva, forte. Ela contribuiu muito para a enfermagem em Teresina, contribuiu muito para a enfermagem no Piauí e porque não dizer até no Brasil, pois aquelas meninas formadas na Escola de Auxiliar estão espalhadas pelo país inteiro (enfermeira 4);

a maior contribuição da Irmã foi à melhoria da qualidade, assim como um marco no pensar em uma enfermagem de melhor qualidade, que a partir daí ela despertou na sociedade, assim como no próprio pessoal de enfermagem do hospital (enfermeira 3).

Faz-se necessário considerar que as Irmãs de Caridade exerciam grande influência sob os rumos da Enfermagem brasileira, e essa condição permitiu-lhes incrementar as seccionais da ABEn nos Estados em que a Congregação mantinha escolas de Enfermagem. Desta forma, “os vínculos da criação da ABEn-PI estão intimamente ligados às Irmãs de Caridade que atuaram no HGV, sob o comando de Irmã Abrahíde”.^{10:148} Assim, a sessão inaugural da ABEn-PI ocorreu em 22 de março de 1959, também nas dependências do HGV, sendo a Irmã Abrahíde a primeira presidente.^{12:1} Por sua vez, “a criação da ABEn-PI fortificou o processo de organização, conscientização e mobilização da categoria rumo à construção da identidade coletiva das enfermeiras piauienses”.^{10:151}

Para caracterizar esse pensamento, observe-se o relato a seguir:

ela criou a ABEn para congregar as enfermeiras, para discutir porque a ABEn tem a finalidade científica e cultural. Então para despertar esse interesse pelo desenvolvimento científico tinha que fundar a Associação e ela conseguiu isso. Ela reunia as enfermeiras e era dia de domingo, no dia do passeio da gente. Nosso passeio era lá. Quando a ABEn iniciou funcionava na sala de aula da Escola de Enfermagem no HGV. Depois foi que mudou. Primeiro era lá em cima no HGV. Eu me lembro muito bem das cadeirinhas. Depois ficou melhor, já tinha um sofá e tudo que ela conseguia de novidade, de conhecimento científico na área de Enfermagem ela passava para as enfermeiras, ela dividia o conhecimento (enfermeira 3).

De modo igualmente enfático, o predomínio das vicentinas na consolidação dos destinos da Enfermagem hospitalar, no Piauí, “prolongou-se, aproximadamente, até década de 1960, quando ocorreu o ingresso no mercado local das primeiras enfermeiras autóctones”.^{10:129}

Desta forma, a Irmã Abrahíde Alvarenga encerrou o período de contribuição no Piauí, sendo

transferida para o Sul do País em 1962. Retornou em 1975, apenas para a solenidade de transformação da Escola de Auxiliar de Enfermagem Maria Antoinette Blanchot em Escola Técnica de Saúde Maria Antoinette Blanchot.

Em 02 de junho de 2002, veio a falecer no Hospital São Vicente de Paulo, no Rio de Janeiro, conforme mostra o depoimento seguinte:

depois de 07 anos, foi transferida para o Sul. Deixou o seu testemunho de autêntica Filha de Caridade. Faleceu no Hospital dos Idosos em junho de 2002 (Religiosa).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização deste trabalho, pôde-se constatar que a Companhia das Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo teve grande e especial participação nos rumos da enfermagem, desde antes do nascimento da Enfermagem Moderna, haja vista que as técnicas sistematizadas e preconizadas por Florence Nightingale relacionam-se diretamente com o vivenciado no cotidiano da Companhia das Irmãs de Caridade.

Também foi possível observar que o trabalho desenvolvido pela Irmã Abrahíde Alvarenga no HGV, além de promover a qualificação da assistência de Enfermagem no referido hospital, proporcionou igualmente desenvolver um grande contingente de auxiliares de Enfermagem que prestavam serviço em diversas instituições de saúde do Estado do Piauí, assim como em Estados vizinhos.

Outro fato que merece destaque na atuação de Irmã Abrahíde, como superiora no HGV e que se reveste de extraordinário mérito para a Enfermagem piauiense, foi a criação da ABEn-PI, da qual a referida religiosa foi a primeira presidente. Este acontecimento propiciou a conscientização e mobilização da categoria, no sentido da construção da organização coletiva das enfermeiras piauienses, promovendo, desta forma, a Vida com Justiça Social para a Enfermagem piauiense.

Viu-se, por fim, que a referida personagem se distingue por ser uma mulher à frente de seu tempo, que se preocupava com a dimensão social da saúde, interessada em promover mudanças; caracterizando-se como um exemplo a ser seguido.

Foi muito feliz o trabalho da Irmã Abrahíde aqui no Piauí, porque foi bom para Teresina, para o Piauí e para o Brasil. Foi interessante, bom, aplicável, e se muita gente se espelhasse na vida pessoal, naquele zelo que a Irmã Abrahíde tinha pela Enfermagem, acho que esta cresceria cada vez mais (enfermeira 4).



Figura 2 - Irmã Abrahide Alvarenga. Primeira presidente da ABEn – PI (Publicação autorizada por familiar).

REFERÊNCIAS

- 1 Donahue PM. Historia de la enfermería. Madri: Egdesa; 1993.
- 2 Cazuzza BA. O tempo não pára [CD-ROM]. Rio de Janeiro: Novo Millennium; 2005.
- 3 Borenstein MS. O uso da história oral como uma possibilidade de reconstruir a história da enfermagem. *Texto Contexto Enferm.* 1998 Jan-Abr; 7(1): 58-70.
- 4 Thompson P. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1992.
- 5 Alberti V. História oral, a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; 1990.
- 6 Padilha MI, Nazário NO, Stipp MA. O legado e o (re) legado: a enfermagem e as ordens/associações religiosas. *Texto Contexto Enferm.* 1998 Jan-Abr; 7(1): 71-89.
- 7 Castro JP. Vida de Luiza de Marillac: fundadora das irmãs de caridade. Petrópolis: Vozes; 1936.
- 8 Paixão W. História da enfermagem. Rio de Janeiro: Livraria Júlio C. Reis; 1979.
- 9 Germano RM. Educação e ideologia de enfermagem no Brasil. São Paulo: Ed. Cortez; 1985.
- 10 Nogueira, LT. A Trajetória da enfermagem moderna no Piauí 1937-1977 [tese]. Rio de Janeiro (RJ): Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/UFRJ; 1996.
- 11 Auxiliares de enfermagem Irmã Maria Antoinete Blanchot. *Jornal O Dominical.* 1959 Abr 5.
- 12 Associação Brasileira de Enfermagem – Seção PI. Atas da ABEn. Teresina: A Diretoria; 1959.

ANEXO I

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

- 1 Fale sobre o trabalho da Irmã de Caridade Abrahide Alvarenga no Hospital Getúlio Vargas.
- 2 Como você avalia a atuação da Irmã Abrahide no HGV?
- 3 Qual a contribuição da citada personagem para a Enfermagem no Piauí?